

PAULO JOSÉ DA COSTA

- ORGANIZADOR -

# DO MITO GREGO À PSICANÁLISE:

RESSONÂNCIAS

Atena  
Editora  
Ano 2023



PAULO JOSÉ DA COSTA

- ORGANIZADOR -

# DO MITO GREGO À PSICANÁLISE:

RESSONÂNCIAS

 **Atena**  
Editora  
Ano 2023



**Editora chefe**

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

**Editora executiva**

Natalia Oliveira

**Assistente editorial**

Flávia Roberta Barão

**Bibliotecária**

Janaina Ramos

**Projeto gráfico**

Bruno Oliveira

Camila Alves de Cremona

Luiza Alves Batista

**Imagens da capa**

iStock

**Edição de arte**

Luiza Alves Batista

2023 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2023 Os autores

Copyright da edição © 2023 Atena

Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena

Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-Não-Derivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

**Conselho Editorial****Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí

Prof. Dr. Alexandre de Freitas Carneiro – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Profª Drª Ana Maria Aguiar Frias – Universidade de Évora

Profª Drª Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa

Prof. Dr. Antonio Carlos da Silva – Universidade de Coimbra

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
 Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais  
 Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília  
 Prof. Dr. Arnaldo Oliveira Souza Júnior – Universidade Federal do Piauí  
 Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense  
 Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Caroline Mari de Oliveira Galina – Universidade do Estado de Mato Grosso  
 Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense  
 Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Cristina Gaio – Universidade de Lisboa Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília  
 Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia  
 Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo  
 Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá  
 Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará  
 Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima  
 Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Geuciane Felipe Guerim Fernandes – Universidade Estadual de Londrina  
 Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros  
 Prof. Dr. Humberto Costa – Universidade Federal do Paraná  
 Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
 Prof. Dr. Jadilson Marinho da Silva – Secretaria de Educação de Pernambuco  
 Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador  
 Prof. Dr. Jodeyson Islony de Lima Sobrinho – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
 Prof. Dr. José Luis Montesillo-Cedillo – Universidad Autónoma del Estado de México  
 Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Juliana Abonizio – Universidade Federal de Mato Grosso  
 Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
 Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia  
 Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Kátia Farias Antero – Faculdade Maurício de Nassau  
 Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal do Paraná  
 Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
 Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Lucicleia Barreto Queiroz – Universidade Federal do Acre  
 Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros  
 Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Universidade do Estado de Minas Gerais  
 Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
 Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Marianne Sousa Barbosa – Universidade Federal de Campina Grande  
 Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Marcela Mary José da Silva – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
 Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas  
 Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campina  
 sProf<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
 Prof. Dr. Miguel Rodrigues Netto – Universidade do Estado de Mato Grosso  
 Prof. Dr. Pedro Henrique Máximo Pereira – Universidade Estadual de Goiás  
 Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco  
 Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
 aProf<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
 Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador  
 Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste  
 Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí  
 Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
 Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
 Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Federal da Bahia / Universidade de Coimbra  
 Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
 Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

## Do mito grego à psicanálise: ressonâncias

**Diagramação:** Natália Sandrini de Azevedo  
**Correção:** Maiara Ferreira  
**Indexação:** Amanda Kelly da Costa Veiga  
**Revisão:** Os autores  
**Organizador:** Paulo José da Costa

<b>Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)</b>	
D631	Do mito grego à psicanálise: ressonâncias / Organizador Paulo José da Costa. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2023.  Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-65-258-0804-8 DOI: <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.048230401">https://doi.org/10.22533/at.ed.048230401</a>  1. Psicanálise. I. Costa, Paulo José da (Organizador). II. Título.  CDD 150.195
<b>Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166</b>	

**Atena Editora**  
Ponta Grossa – Paraná – Brasil  
Telefone: +55 (42) 3323-5493  
[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)  
contato@atenaeditora.com.br

## DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.

## DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código Penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, *desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.

O legado da civilização grega para a cultura ocidental é inegável, assim como a presença da mitologia helênica na construção do arcabouço teórico da psicanálise. De modo geral, herdamos as suas contribuições por meio do que permaneceu intacto, através de registros históricos, arqueológicos, artísticos, linguísticos, etc., que sobreviveu ao tempo e foi absorvido pela posteridade, mas também pelos bens imateriais inerentes. Entretanto, não podemos supor que o patrimônio helênico herdado se mantenha incólume na nossa cultura, mas sobrevive porque é amalgamado ao devir, é readaptado e ressignificado no percurso temporal, geográfico, histórico, social, das ações humanas de cada tempo e lugar.

Tal processo, ao contrário de diminuir a importância desse legado, embora nos possa parecer diluí-lo ou até fazê-lo sair de cena, o mantém vivo porque esse movimento é essencial a sua preservação de diferentes maneiras. Sem isso, o que ele contém de mais significativo referente ao humano se engessaria e assim perderia a sua força e o seu valor, levando-o ao desaparecimento, pois teria perdido o que o faz ser fonte de inspiração, de reflexão, que é o seu dinamismo. Nesta perspectiva, a psicanálise se apropriou de elementos dessa herança, por reconhecer a sua dinamicidade e capacidade de expressão de aspectos profundamente humanos, em constante movimento. Nesse sentido, o modo como Freud se aproximou particularmente dos mitos gregos na construção do *corpus* psicanalítico, resgata a atualidade daquilo que já estava presente na Antiguidade, transformando-o, através de uma abordagem original que lhe permitiu criar um novo campo do conhecimento.

Assim sendo, podemos pensar que a contribuição da civilização helênica para a cultura ocidental, e particularmente para a psicanálise que é o nosso foco de interesse em nossas pesquisas e estudos, se manifesta como uma espécie de eco que pode ser tomado como repetição, mas também como portador de algo para o qual se chama a atenção, que reverbera em múltiplas situações e condições, pelas quais evidencia, transmite, distingue certa coisa que até então talvez estivesse velada ou pouco percebida, que repercute pelo efeito que produz. Portanto, por ressonâncias explícitas ou subjacentes, manifestas ou latentes. É considerando tais ressonâncias e suas inúmeras possibilidades que vimos nos debruçando sobre a interface entre mitologia grega e psicanálise, inseridos na Linha de pesquisa “Psicanálise e Civilização”, do Programa de Pós-graduação em Psicologia na Universidade Estadual de Maringá.

Com foco nessa interface, professores, mestrandos e doutorandos do



referido Programa de Pós-graduação desenvolvem estudos e pesquisas, além de consolidar a disciplina “A mitologia grega e a dimensão trágica do psiquismo: reflexões psicanalíticas”, ministrada regularmente. É desse *corpus* de produções que emergem as nossas publicações, algumas das quais apresentamos no presente livro. Também contamos com a parceria e contribuições de profissionais interessados nessa temática, vinculados às seguintes instituições: Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Universidade Federal do Pará (UFPA), Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Universidade Federal Fluminense (UFF), Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (UNIFESSPA), Centro Universitário UDF, Centro Universitário Metropolitano de Maringá (Unifamma), Centro Universitário de Tecnologia e Ciências do Norte do Paraná (UniFatecie), Escola de Psicoterapia Psicanalítica de Maringá (EPPM) e Prefeitura Municipal de Maringá,

No presente livro, as interfaces entre mitologia grega e psicanálise são abordadas por diferentes perspectivas e temáticas, que expressam a riqueza de possibilidades que emergem do encontro desses dois campos. Assim, no primeiro texto, *Dor mental e engrenagem suicida: um jeito de existir*, é discutido um modo de funcionamento psíquico que cria proteções para evitar o conhecimento de aspectos fundamentais inerentes à condição humana, visando blindar a mente de pensar as verdades penosas, segundo a concepção bioniana. No segundo, por sua vez, denominado *A clínica psicanalítica e a ética trágica na pós-modernidade*, apresenta e argumenta acerca da relação entre os fundamentos psicanalíticos e o pensamento filosófico trágico, remetendo a uma ética trágica norteando o trabalho do psicanalista e auxiliando a compreensão de qual é o lugar ocupado pela psicanálise no mundo contemporâneo.

Quanto ao terceiro texto, intitulado *Deméter e Perséfone: reflexões acerca das dificuldades de separação subjetiva entre mãe e filha*, parte de vivências oriundas da clínica para refletir sobre a modalidade relacional em que não ocorre a separação e a diferenciação necessárias, no processo de subjetivação, envolvendo a dupla mãe-filha. Na sequência, em *Narciso e o espelho: análise de uma narrativa mítica*, o exame recai sobre o mito de Narciso a partir de sua estruturação narrativa, tendo por base tanto elementos textuais quanto psicanalíticos. Em *Jasão: o herói adormecido*, além de apresentar este mito, investiga as características do seu processo heroico em sua relação com Medeia.

No texto *O destino de John Connor na trilogia “O exterminador do futuro”*: *esboços psicanalíticos e trágicos*, a partir de elementos psicanalíticos e trágicos,

são propostas algumas possibilidades para se pensar a presença mítica na contemporaneidade, através do exame de aspectos presentes no personagem principal da referida obra cinematográfica. Com relação ao sétimo texto, *Do rito fúnebre ao mito das origens: questões do sujeito a partir de Antígona e Incêndios*, a partir da personagem sofocleana e de uma peça teatral, ambas indicadas no título, traz reflexões com o intuito de pensar acerca da noção de sujeito desde o seu enlaçamento com a cultura e sobre o registro do mito, enquanto possibilidade para se pensar as origens e a morte.

Quanto ao próximo texto, *Anacronia no enigma edípico: paradigma do tempo em psicanálise*, busca defender a existência de uma anacronia no processo de formulação do enigma edípico, sendo necessário, para tanto, tratar sobre a tese do tempo tal como se apresenta na tragédia de Sófocles sobre o rei Édipo e a dinâmica da atemporalidade inconsciente, do ponto de vista psicanalítico. Sequencialmente, em *A disjunção entre a mulher e a mãe em Medeia*, são levantados questionamentos a respeito do destaque dado por Eurípidés à personagem e seu ato filicida, a partir do que se constroem análises evidenciando as distinções entre a mãe e a mulher, trazendo para o campo psicanalítico como pauta de importante discussão.

Intitulado *O avesso de Procusto: algumas observações acerca da inquietante função do analista*, o décimo texto apresenta uma reflexão sobre a alteridade e suas implicações metapsicológicas, argumentando pela perspectiva da função analítica. Em seguida, desenvolvendo conexões entre as noções de frenesi báquico e de loucura privada, enquanto possibilidades de se pensar a clínica psicanalítica na atualidade, temos *O frenesi báquico e a loucura privada: articulações entre a psicanálise e a tragédia As Bacantes*. Finalizando esse conjunto de estudos, consta *Medeia e o filicídio: comoção e horror*, no qual a proposta é examinar as possíveis reações que as pessoas têm perante a situação de assassinio dos filhos pela própria mãe, analisando a partir dos conceitos de recalque e de formação reativa.

Esperamos que a leitura do presente livro possa contribuir para a reflexão e para a promoção de debates, favorecendo o surgimento de novos entendimentos envolvendo as questões levantadas e discutidas aqui. E propiciar deleite (porque não?), tendo em vista a arte envolvida nos mitos gregos.

**SUMÁRIO****SUMÁRIO** ..... 5**CAPÍTULO 1** ..... 1

DOR MENTAL E ENGRENAGEM SUICIDA: UM JEITO DE EXISTIR


Angélica Calaresi Wolff

Paulo José da Costa

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.0482304011>**CAPÍTULO 2** ..... 10

A CLÍNICA PSICANALÍTICA E A ÉTICA TRÁGICA NA PÓS-MODERNIDADE


Gabriel Crespo Soares Elias

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.0482304012>**CAPÍTULO 3** ..... 31

DEMÉTER E PERSÉFONE: REFLEXÕES ACERCA DAS DIFICULDADES DE SEPARAÇÃO SUBJETIVA ENTRE MÃE E FILHA

Michelle Cintya Bacini

Paulo José da Costa

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.0482304013>**CAPÍTULO 4** ..... 48


NARCISO E O ESPELHO: ANÁLISE DE UMA NARRATIVA MÍTICA

Alcione Lucena de Albertim

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.0482304014>**CAPÍTULO 5** ..... 65

JASÃO: O HERÓI ADORMECIDO

Viviana Carola Velasco Martinez

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.0482304015>**CAPÍTULO 6** ..... 85

O DESTINO DE JOHN CONNOR NA TRILOGIA “O EXTERMINADOR DO FUTURO”: ESBOÇOS PSICANALÍTICOS E TRÁGICOS


Carlos Henrique Barbosa Vieira






Paulo José da Costa

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.0482304016>**CAPÍTULO 7** ..... 108

DO RITO FÚNEBRE AO MITO DAS ORIGENS: QUESTÕES DO SUJEITO A PARTIR DE ANTÍGONA E INCÊNDIOS

Hevellyn Ciely da Silva Corrêa

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.0482304017>

<b>CAPÍTULO 8 .....</b>	<b>125</b>
ANACRONIA NO ENIGMA EDÍPICO: PARADIGMA DO TEMPO EM PSICANÁLISE	
João Milton Walter Tavares	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.0482304018">https://doi.org/10.22533/at.ed.0482304018</a>	
<b>CAPÍTULO 9 .....</b>	<b>143</b>
A DISJUNÇÃO ENTRE A MULHER E A MÃE EM MEDEIA	
Lauro Barbosa	
Maria Cristina Poli	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.0482304019">https://doi.org/10.22533/at.ed.0482304019</a>	
<b>CAPÍTULO 10.....</b>	<b>156</b>
O AVESSE DE PROCUSTO: ALGUMAS OBSERVAÇÕES ACERCA DA INQUIETANTE FUNÇÃO DO ANALISTA	
Mauricio Rodrigues de Souza	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.04823040110">https://doi.org/10.22533/at.ed.04823040110</a>	
<b>CAPÍTULO 11 .....</b>	<b>172</b>
O FRENESI BÁQUICO E A LOUCURA PRIVADA: ARTICULAÇÕES ENTRE A PSICANÁLISE E A TRAGÉDIA AS BACANTES	
Ana Flávia Cicero Conde	
Paulo José da Costa	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.04823040111">https://doi.org/10.22533/at.ed.04823040111</a>	
<b>CAPÍTULO 12.....</b>	<b>187</b>
MEDEIA E O FILICÍDIO: COMOÇÃO E HORROR	
Emanuely Jackeliny Pissinati Martins	
Viviana Carola Velasco Martinez	
Paulo José da Costa	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.04823040112">https://doi.org/10.22533/at.ed.04823040112</a>	
<b>SOBRE OS AUTORES .....</b>	<b>205</b>
<b>ÍNDICE REMISSIVO .....</b>	<b>208</b>

# ANACRONIA NO ENIGMA EDÍPICO: PARADIGMA DO TEMPO EM PSICANÁLISE

---

*Data de aceite: 11/11/2022*

**João Milton Walter Tavares**

Centro Universitário UDF

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0174-1041>

### ANACRONIA NO ENIGMA EDÍPICO

Vamos adentrar na questão do tempo na tragédia *Rei Édipo* (Sófocles, 2015), de modo a defender que existe uma anacronia na formulação do enigma edípico. A anacronia postula um desencontro entre a ordem dos acontecimentos e a ordem do discurso, uma ruptura temporal que torce a narrativa de modo a mostrar como os efeitos dos acontecimentos ocorrem em uma ordem temporal distinta daquela mesma dos fatos. Assim, procuramos demonstrar como há uma ordem temporal inconsciente em voga no enigma edípico. Deste modo, apresenta-se para nós uma espécie de teoria da relatividade, que traz à cena uma não linearidade temporal no bojo do saber psicanalítico, de maneira que podemos pensar uma análise como uma

torção temporal.

Ao iniciar a análise, vamos apresentar uma proposta de Oliveira (2015), tradutor e comentarista de *Rei Édipo*, sobre uma hipótese levantada na narrativa de Sófocles de existir uma possibilidade de Édipo não ser parricida, ou melhor, de Édipo não ter levado a sua investigação ao limite de, sem sombra de dúvidas e sem possibilidades excludentes, carregar a culpa do assassinio de seu pai biológico, Laio. Assim, passaremos pela narrativa da tragédia, apresentando os principais pontos, fazendo uma construção lógica, como um problema a ser revelado, e demonstrando como Édipo tem uma certeza antecipada de sua culpa.

Na sequência, será aberta uma digressão para discutirmos algo que poderíamos chamar de proto-teoria do tempo em psicanálise, sem o intuito de esgotar o assunto, dado a complexidade do tema e o espaço destinado para sua discussão neste capítulo. Adentraremos na dinâmica da atemporalidade inconsciente

defendida por Freud (2010a, 2010b, 2016), passando por Lacan (1998a, 1998b) em sua concepção de desenvolvimento do conceito de um tempo lógico em psicanálise e, por fim, Herrmann (2003) em sua proposta de uma visão própria do tempo no decorrer da prática analítica.

Na última sessão, já munidos da hipótese de um adiamento em Édipo de sua conclusão e da concepção psicanalítica sobre a dinâmica do tempo, faremos um retorno a tragédia, discutindo a anacronia no enigma edípico, propondo a tragédia de Sófocles também como um paradigma para compreender o tempo lógico e seus desdobramentos na prática analítica. Édipo, em sua certeza antecipada, condensa em um ato sua história, ou, como diz Lacan (1998a), a “assunção de sua história pelo sujeito” (p. 258). Podemos, então, pensar na dinâmica edípica como um paradigma lógico, tal qual Lacan (1998b) nos apresenta em seu sofisma dos três prisioneiros, a dinâmica da pressa na tentativa de agarrar a verdade, formulando de forma antecipada uma certeza. Por fim, pensamos como a concepção de verdade, que se toca por um adiamento futuro e apressada de conclusão, torce o passado sobre o hoje e se dá de modo a construir uma verdade, portanto, ficcional, e que somente assim poderia ser.

## ÉDIPO EM UM JOGO DE XADREZ

Oliveira (2015) propõe uma leitura de *Rei Édipo* na qual sustenta uma interessante hipótese: que na trama da tragédia existe a possibilidade de Édipo não ser parricida, mas, mesmo assim, assumir-se precocemente como um. Esta hipótese o referido autor denominou de Édipo enxadrista. Para o autor, Sófocles fez Édipo reconhecer-se parricida antes desta lhe ser inescapável, de modo que Édipo adianta para si tal feito. Vamos agora adentrar nas linhas de *Rei Édipo*, formulando a hipótese lógica acima exposta; assim poderemos estruturar o caminho investigativo percorrido por Édipo na obra.

Aristóteles (2007) define a tragédia como:

a imitação de uma ação elevada e completa, dotada de extensão, numa linguagem embelezada por formas diferentes em cada uma das suas partes, que se serve da ação e não da narração e que, por meio da compaixão e do temor, provoca a purificação de tais paixões. (p. 47-48)

Aristóteles (2007) também pontua que a tragédia deve durar um único dia e se passar em um único espaço. E, conforme argumenta Ana Maria Valente (ARISTÓTELES, 2007, nota 32) em nota de rodapé, daí saiu a lei das três unidades presentes na tragédia: a unidade na ação, no tempo e no espaço. Isto é, a tragédia deve abordar uma ação dramática completa, no transcorrer de um único dia e em um mesmo lugar. Valente aponta que a única destas três unidades que é taxativa é a que se refere à ação. Contudo, *Rei*

*Édipo* cumpre as três unicidades. Toda a sua narrativa se passa no transcorrer em um único dia; em um único espaço, às portas do palácio de Tebas; e a ação completa: a descoberta da própria identidade por Édipo.

No prólogo da peça temos Édipo como rei de Tebas e junto a ele estão os anciões tebanos, que vieram lhe pedir para que faça algo, a fim de salvar a cidade assolada pela peste. Édipo enviara seu cunhado, Creonte, a Delfos, para consultar o oráculo em busca de respostas que solucionassem a terrível praga. Creonte retorna e anuncia que o oráculo determinou que é preciso que seja punido o assassino de Laio, rei de Tebas que governou antes de Édipo. Sabe-se que Laio foi morto em uma emboscada em uma estrada e todos de sua comitiva foram assassinados, com a exceção de apenas um homem. Este servo que sobreviveu ao ataque, relatou que foram bandidos que assassinaram Laio. Creonte aponta que o assassinato se deu por um bando: “Disse que bandidos o encontraram e mataram, não pela força de um só, mas com múltiplas mãos” (SÓFOCLES, 2015, p. 39). Édipo se prontifica a encontrar e punir o culpado pelo assassinato de Laio, ou os culpados.

O oráculo orientou como livrar Tebas da peste que a assolava: punir o assassino de Laio; porém, o oráculo não revelou a identidade do assassino. Assim, o primeiro episódio da peça é aberto com os primeiros esforços de Édipo na busca do assassino de Laio. Édipo discursa em frente ao palácio, clamando que se alguém souber a identidade do assassino que a revele, ou o próprio assassino se acuse. Caso assim o fizer, não seria punido com a pena de morte, mas com o desterro. Conforme aponta Oliveira (2015), na fala de Édipo há uma oscilação entre o plural e o singular quando fala do assassino, mesmo tendo sido informado de que Laio fora morto por múltiplas mãos, isto é, por um bando.

Édipo convoca o adivinho Tirésias para que ele revele a identidade do assassino. Este, ao chegar à cena, adianta em uma passagem dúbia do drama presente na tragédia: “Ai, que horror é o saber, quando não serve a quem sabe!” (SÓFOCLES, 2015, p. 63). Convém tanto para si próprio, que guarda consigo a informação da identidade, quanto para Édipo, que não sabe o que lhe causará tal revelação. Tirésias se recusa a dar o nome a Édipo explicitamente, e o rei tebano insiste com o adivinho. Ele vai aos poucos revelando a Édipo seu infortúnio, como vemos quando o adivinho diz: “Criticas minha irritação, mas não percebes a tua, que mora contigo, e me censuras” (SÓFOCLES, 2015, p. 67). Oliveira (2015), em nota de rodapé, aponta que Tirésias implicitamente indica o incesto a Édipo quando diz ‘que mora contigo’, isto é, sua própria mãe. O adivinho e o rei discutem, até que Tirésias revela: “Afirmo que és tu o assassino do homem, aquele que procuras” (SÓFOCLES, 2015, p. 71).

Édipo, ao ouvir a verdade toda, não a reconhece, parece absurdo o que Tirésias lhe diz. O saber de Édipo se faz aos poucos, deve ser construído conforme avança, ele próprio,

em seu empreendimento. A verdade escancarada não lhe diz nada e a rejeita com todo vigor. Resiste a ela. Neste momento, salienta Oliveira (2015), Édipo procura um assaltante que, junto a seu bando matara Laio. O que Tírsias lhe fala soa como uma acusação descabida, que só pode ser fruto de uma conspiração para usurpar-lhe o trono de Tebas. Antes de ir embora, sem ser compreendido por Édipo, Tírsias anuncia:

Eu te digo: esse homem que há pouco procuras,  
com ameaças e decretos sobre o assassinio  
de Laio – esse homem está aqui,  
estrangeiro residente, pelo que se diz, mas depois  
vai revelar tebano nativo – e não terá prazer  
com essa circunstância: pois, de homem que vê,  
será cego; em vez de rico, mendigo;  
em terra estrangeira viajará, tateando com bastão.  
E vai se revelar irmão e pai  
dos próprios filhos, com os quais convive;  
e filho e esposo da mulher de quem nasceu;  
e assassino do pai e, com ele, sementeiro do mesmo ventre.  
(SÓFOCLES, 2015, p. 81–83).

Édipo escuta a revelação de Tírsias, mas nada poderia fazer menos sentido. Até o momento sabe que seu pai é Pólibo, rei de Corinto, e está vivo; que sua mãe é Mérope, esposa de Pólibo. Nunca havia visto Laio e sabe que fora assassinado por um bando de ladrões. Tudo isso que Tírsias diz só pode ter uma única fonte: existe uma conspiração para tirá-lo do trono, e tanto Tírsias quanto Creonte, seu cunhado, são cúmplices, afinal, fora Creonte que sugeriu ouvir o adivinho.

A próxima parte da tragédia inicia-se com uma discussão acalorada entre Édipo e Creonte. Édipo acusa seu cunhado de conspiração e quer condená-lo à morte, tamanha é sua indignação – ou resistência? Creonte roga que Édipo não está conseguindo fazer um bom julgamento a partir de toda a situação. Há um impasse entre os dois, instalado quando Jocasta aparece, irmã de Creonte e esposa de Édipo. Este lhe explica o que se passa. Jocasta, ao ouvir as acusações que recaem sobre seu marido, o tranquiliza de que nenhum mortal pode realmente fazer profecias. Conta, na seqüência, um fato ocorrido há muitos anos: que o oráculo de Delfos havia profetizado que Laio, seu ex-marido, haveria de ser morto por um filho deles. Eles tiveram um único filho, que fora morto ainda bebê. E como todos sabem, Laio foi morto por ladrões em um cruzamento de três caminhos. Logo, deduz Jocasta, a previsão do oráculo não se realizou.



A intenção de Jocasta é demonstrar ao marido como oráculos não acertam suas previsões, pois ela própria havia experienciado isso, e, desta forma, tranquilizar Édipo dos infortúnios que a ele eram creditados. Porém, a reação de Édipo é o oposto, a menção à tríplice encruzilhada alertou Édipo. Ele conta sua história: é filho dos reis de Corinto, Pólibo e Mérope. Quando ainda morava em Corinto, em um banquete, um bêbado o havia chamado de filho falso de seu pai. Édipo pergunta sobre isso a seus pais, que se indignam com a acusação, mas, não contente com a resposta, vai a Delfos consultar o oráculo. Chegando lá, não consegue resposta para a pergunta que foi sanar, isto é, se realmente Pólibo é seu pai verdadeiro. No entanto, o oráculo lhe dá outra profecia: que ele matará o pai e se unirá à mãe e, desta união, gerará filhos. Ao ouvir a terrível profecia, decide nunca mais retornar a Corinto.

Oliveira (2015) faz uma leitura de Édipo enxadrista jogando contra a profecia e, por isso, a fuga de Corinto foi um movimento errado em tal jogo, pois o oráculo não confirmou a paternidade de Pólibo; disse apenas que Édipo assassinará o próprio pai. Édipo foge, mas o faz em direção a seu destino, como se toda a sua dúvida original, sobre a paternidade, tivesse sido totalmente esquecida.

Em sua fuga para longe de Corinto, Édipo passa por um local parecido com o descrito por Jocasta, um cruzamento de três estradas, defronta-se com uma comitiva conduzida por um homem velho, que o empurra para fora da estrada e o agride para que saia. Édipo se enfurece e mata a todos. Se este velho que matou é Laio, portanto ele é o assassino do antigo rei de Tebas; as próprias palavras de Édipo contra o assassino do ex-rei se voltarão contra si. Neste momento, salienta Oliveira (2015), Édipo desconfia que ele é o assassino de Laio, mas não que é um parricida e incestuoso. Ainda não fez a conexão entre as duas profecias, isto é, a que ele próprio ouvira em Delfos e a que Creonte trouxe no início do espetáculo trágico. O temor de Édipo é ter amaldiçoado a si próprio, ao amaldiçoar o assassino de Laio. Ainda há uma solução possível para o enigma que não incriminaria Édipo, caso seja possível comprovar que Laio fora morto por um bando, já que Édipo havia agido sozinho. Sabe-se que há um único sobrevivente da emboscada que sofreu Laio e, no tempo presente da peça, trata-se de um pastor que trabalha fora dos limites da cidade e, portanto, é convocado a comparecer às portas do palácio de Tebas para falar o que sabe.

Até o momento na peça temos as seguintes profecias e seus estados:

- 1 – Laio e Jocasta iriam ter um filho que mataria o pai e casaria com a mãe. Esta profecia não teria se realizado, porque o único filho de Laio e Jocasta fora morto ainda bebê;
- 2 – Édipo mataria o próprio pai e desposaria a própria mãe. Édipo fugiu de Corinto, escapando do cumprimento da profecia;

3 – Creonte trouxe a profecia de que a peste que assola Tebas seria apaziguada apenas com a punição do assassino de Laio. Sabe-se que Laio fora assassinado em uma emboscada por um bando de ladrões.

Na terceira parte da tragédia, chega a Tebas um mensageiro para avisar Édipo que seu pai, Pólibo, morrera de causas naturais em Corinto, e, assim, ele seria proclamado rei em Corinto. A notícia acalenta Édipo, a profecia preconizava que ele iria assassinar seu pai e agora ele está morto sem ser por suas mãos. A notícia demonstra para Édipo e Jocasta como os oráculos erram em seus dizeres. Contudo, ainda existe a segunda parte da profecia, que além de assassinar o próprio pai, desposaria a própria mãe. Édipo só estaria livre totalmente com a morte de Mérope e ainda o atormenta a profecia em relação a Laio e a possibilidade de que, em sua fuga de Corinto, possa ter assassinado o antigo rei de Tebas.

O mensageiro de Corinto, ao ouvir as angústias de Édipo em relação a Mérope, tenta tranquilizá-lo. Afirma que ele, Édipo, não é filho legítimo dos reis de Corinto; ele próprio, quando era pastor, recebeu Édipo ainda bebê, e com os tornozelos feridos, das mãos de um servo da casa de Laio. Este servo é justamente aquele que sobreviveu à emboscada. Jocasta ao ouvir o mensageiro reconhece que Édipo, portanto, é seu filho, pois foi ela própria quem deu o seu bebê para o servo levá-lo para a morte. O filho dela e de Laio sobreviveu. Édipo ainda não tem informações para saber da verdade, apenas Jocasta. Ainda não fica claro se foi Édipo quem matou Laio; se caso seja comprovado que Laio fora morto por um bando. Então, não foi Édipo o autor do assassinato.

A testemunha que estava com Laio no momento do assassinato é chamada. É o mesmo servo que Jocasta confiou seu filho, quando recém-nascido, para abandoná-lo à própria sorte no campo. Este homem agora tem uma dupla função. Somente ele pode confirmar se Laio fora assassinado por um bando ou pela ação de um único homem, e também somente ele pode esclarecer quem são os verdadeiros pais de Édipo. Neste momento da trama, o objetivo de Édipo é descobrir a sua origem. Parece que esqueceu a questão inicial: descobrir o assassino de Laio. Oliveira (2015) aponta que o esquecimento de uma questão anterior já havia ocorrido com Édipo, na ocasião em que visitou o oráculo de Delfos para indagar acerca da identidade de seus verdadeiros pais, e agora, novamente, deixa de lado a questão primordial.

Quando o servo chega ao palácio, Édipo lhe pergunta quem eram os pais da criança que fora dada a ele. O homem, inicialmente, se recusa a falar, mas sob as ameaças de Édipo diz o que sabe. Confirma que o bebê era filho de Jocasta e Laio. Eles o confiaram ao servo para que o matasse, livrando assim os pais do cumprimento do oráculo de que aquele garoto mataria Laio e se casaria com Jocasta. Édipo neste momento, entra no

palácio; Oliveira (2015) pontua: “Notem bem: Édipo não lhe perguntou se, de fato, Laio fora assassinado por um bando de assaltantes (...)” (p. 17).

A partir destes movimentos expostos, Oliveira (2015) articula a hipótese do Édipo enxadrista. Resgata a dinâmica de uma partida de xadrez profissional, quando nunca uma partida chega realmente ao fim, isto é, a um xeque-mate. Isto porque quando o jogador que está em clara desvantagem, irreversível, admite a derrota, sem a necessidade do desenrolar até o xeque-mate. Na trama da tragédia, Oliveira (2015) defende:

[Édipo] sabe com certeza que é filho de Laio e Jocasta. Sabe, com certeza, que cometeu incesto – e não mais do que isso. Contudo, por raciocínio indutivo, conclui que tudo está perdido e abandona o jogo: como Jocasta, antes, empregara uma indução capenga para mostrar a ineficácia dos oráculos, Édipo, a partir da constatação de que a segunda parte de um dos oráculos se revelou verdadeira (Édipo se deitou com a própria mãe), aceita como verdade inequívoca todo o resto: a primeira parte do oráculo (que afirma que Édipo mataria o pai) e o oráculo recebido por Laio (que afirma que ele seria morto pelo filho). (p. 18-19).

Oliveira (2015) explica que, na tradição grega, Édipo era um parricida e que havia praticado o incesto, e claro, é desta fonte que Sófocles bebe para a composição de sua tragédia. Porém, em seu Édipo, Sófocles deixa a questão do parricídio em aberto. A testemunha que poderia resolver o caso, o único sobrevivente da emboscada que sofre Laio, não foi arguida em relação ao assassinato, se foi obra de um homem só ou de um bando de ladrões e, neste segundo caso, o assassino de Laio não seria Édipo.

Na peça, continua Oliveira (2015), os dois oráculos afirmam que Édipo matou o próprio pai. Também Tirésias afirma o mesmo, baseando-se na arte da adivinhação. Contudo, durante boa parte da peça é a veracidade dos oráculos que está em questão. Quem afirma que Édipo matou o próprio pai são os oráculos. E afirmar que os oráculos são verdadeiros, pois Édipo matou o pai, criaria um raciocínio circular e que não levaria, logicamente, a lugar algum. Oliveira (2015) diz: “A resposta que Sófocles dá à questão ‘Édipo matou seu pai?’ é condicional: se você acredita em oráculos, sim. Se não acredita, talvez não [...]” (p. 20).

O Édipo enxadrista, ao descobrir que é filho de Laio e Jocasta, reconhece a derrota e abandona a partida, mas, propõe Oliveira (2015), ele se precipitou e ainda haveria uma possibilidade de não ter sido o responsável pelo assassinato de seu pai.

Na hipótese trazida à luz por Oliveira (2015), Édipo, como um enxadrista, faz um movimento lógico: “sou filho de Laio, *logo* matei Laio” (p. 21, itálicos do autor). Mas se adianta em sua conclusão e há uma antecipação precipitada das conclusões, afinal, ainda havia uma chance dele não ser o responsável pelo assassinato de seu pai, caso o servo de Laio, se fosse indagado sobre, confirmasse o boato que Laio fora assassinado por um

bando. Como já dissemos, na mitologia grega, Édipo pratica incesto e é parricida, mas na versão de Sófocles a questão se fecha deixando algo em aberto pela conclusão antecipada de Édipo. Oliveira (2015) comenta:

Se pensarmos que nesta obra há a possibilidade de Édipo não ser parricida (coisa que Freud não percebeu) e que, mesmo assim, ele assume que é parricida (se sou filho de meu pai, sou culpado de seu assassinato), então a tragédia de Sófocles é um paradigma ainda mais eloquente do que o próprio Freud imaginava. (OLIVEIRA, 2015, p. 21).

Se Édipo, sem a comprovação de seu parricídio, assume a culpa parricida para si, como pontuou Oliveira (2015), torna-se um paradigma ainda mais interessante para pensar o complexo de Édipo, a partir da tragédia de Sófocles. Porém, aqui deixaremos esta questão de lado e chamamos a atenção para o movimento de Édipo. O herói se adianta no tempo, antecipa a conclusão lógica, há uma anacronia antecipatória na resolução do enigma.

Partindo da tragédia *Rei Édipo* de Sófocles (2015), vamos pensar a relação temporal existente em psicanálise, perpassando pelo inconsciente como atemporal, o tempo lógico lacaniano e, por fim, a relação de *a posteriori* que encontramos na clínica. Essa lógica temporal condensa duas vozes que soam em um desencontrado uníssono, como na estrutura de um conto na literatura. As vozes da narrativa que *a priori* parecem apontar para a mesma direção, subitamente se revelam desencontradas, dando um sentido posterior àquilo que já fora dito antes.

## PSICANÁLISE E A QUESTÃO DO TEMPO

Para pensar *Rei Édipo* (SÓFOCLES, 2015) como um paradigma sobre o tempo em psicanálise, é preciso que, antes, façamos uma digressão sobre como se fundamenta a lógica do tempo na teoria psicanalítica.

Uma das marcas da psicanálise freudiana é o reconhecimento da atemporalidade do inconsciente. Em 1915, Freud (2010a) dedicou um estudo sobre o inconsciente, ao explicitar as características topológicas e de funcionamento do inconsciente. Dentre estas, destacamos a questão da atemporalidade como a regência do tempo no âmbito do inconsciente. Freud (2010a) explica que os processos do sistema Inconsciente são atemporais, de modo que não seguem ordenamento lógico em relação ao tempo e, além disso, também não são alterados pela passagem do tempo. Para o autor, os conteúdos inconscientes não estabelecem relação com a dinâmica temporal, esta fica reservada ao trabalho do Consciente. Em outras palavras, é o Consciente que cria um ordenamento lógico-temporal no conteúdo Inconsciente, que funciona de maneira independente da antiguidade de seu registro.

Durante toda a sua obra, Freud não se dedicou em algum lugar específico para aprofundar-se na questão do tempo em psicanálise. Contudo, é possível encontrar desdobramentos de uma teoria do tempo em psicanálise, diluídos em seus textos. Como é o caso, por exemplo, do texto “Recordar, repetir e elaborar” (FREUD, 2010b), em nele, ao descrever a antiga técnica de hipnose que utilizava no início de sua prática clínica, relata:

O paciente se punha numa situação anterior, que não parecia jamais se confundir com a presente, comunicava os processos psíquicos da mesma, até onde havia permanecido normais, e acrescentava o que podia resultar da transformação dos processos antes inconscientes em conscientes. (p. 196).

Como vemos nessa afirmação, o primeiro esquema técnico utilizado por Freud é descrito de um modo em que havia uma separação temporal entre o momento presente, a sessão de análise, com o passado, aquilo que o paciente relatava sob efeitos da hipnose. Com a associação livre, técnica que veio para substituir a prática da hipnose em psicanálise, ocorre justamente o oposto, não se põe mais a questão de uma divisão temporal, mas advém a questão da atemporalidade, isto é, em um só tempo amarra o antes no agora, no ato de sua fala, advindo um tempo próprio do tratamento psicanalítico. Freud (2010b), falando sobre a nova técnica, a associação livre, que veio a substituir a técnica da hipnose, explica:

Aplicando a nova técnica restará muito pouco, com frequência nada, daquele transcurso agradavelmente suave. Também surgem casos que até certo ponto se comportam como na técnica hipnótica e somente depois divergem; outros agem diferentemente desde o princípio. Se nos determos nesse último tipo para caracterizar a diferença, é lícito afirmar que o analisando não recorda absolutamente o que foi esquecido e reprimido, mas sim o atua. Ele não o reproduz como lembrança, mas como ato, ele o repete, naturalmente sem saber o que o faz. (FREUD, 2010b, p. 199).

Podemos pensar na dinâmica temporal na técnica psicanalítica, a partir do que nos apontou Freud (2010b). Vemos como há uma amálgama entre o que é dito, no presente da sessão, e o que é ato, o passado que se impõe. A acepção de uma atemporalidade na dinâmica inconsciente é que permite a compreensão da análise como tal. Isto é, a fala do analisando ecoa como uma dupla voz: uma se relaciona com as questões conscientes, como, por exemplo, interlocutor, contexto, temporalidade; a outra, com os registros inconscientes que, impedidos de acessarem a consciência, modulam o próprio sujeito em sua estrutura. E é na transferência estabelecida no contexto da análise, que o analista pode identificar a atuação e a repetição.

Essa percepção temporal levou à teorização do *Nachträglich*, traduzido para o português como *a posteriori*, ação deferida, ação retardada, efeito retardado (HANNIS, 1996), ou ainda só-depois (MAGNO, 2003). Em alemão, explica Hannis (1996), a palavra *Nachträglich* carrega o sentido de se afastar temporalmente de determinado evento, e

depois, já com a devida distância, reconsiderar o que significou tal evento. Freud (FREUD; BREUER, 2016), como é usual de seu teorizar, traz palavras do cotidiano para o sistema teórico da psicanálise, utilizando-se da ideia contida em *a posteriori* e propõe uma lógica temporal de funcionamento do trauma.

*A posteriori* caracteriza a dinâmica da vida mental e a constituição do aparelho psíquico, como diz Freud (2010b). Faz-se necessário um tempo depois para constituir aquilo que vem antes, sendo “vivências muito importantes, que têm lugar nos primórdios da infância e que na época foram vividas sem compreensão, mas depois, *a posteriori*, encontraram compreensão e interpretação” (p. 198). Assim, a história é feita retroativamente, faz um enlace com o passado e retorna ao presente, e aquilo que permanece e aquilo que passa se articulam em uma lógica temporal não linear e sequencial. Valendo-se do que se apreende desta lógica temporal do *a posteriori* no funcionamento do inconsciente, foi que a psicanálise pôde propor seu método de tratamento.

Lacan (1998a) destaca a noção de *a posteriori* na interpretação psicanalítica, isto é, o autor ressalta a importância da compreensão temporal no manejo clínico. Assim, Lacan (1998b) faz a proposição do tempo lógico, que compreende uma dinâmica temporal, uma pulsação do inconsciente em que se forma uma abertura para os chistes, sonhos e atos falhos, por exemplo; as formações do inconsciente que demandam um momento propício, *a posteriori*, de compreensão. Deste modo, o autor diferencia o tempo cronológico do lógico, mostrando que há uma operação anacrônica na compreensão da constituição do sujeito.

Para apresentar o tempo lógico, Lacan (1998b) usa um sofisma, que indaga uma reflexão sobre o tempo. No problema lógico há um diretor que escolhe três prisioneiros e lhes diz que libertará um deles a partir de um jogo de lógica: aquele que conseguir encontrar primeiro a resposta para o problema posto será liberto. O diretor explica que há um total de cinco discos, três brancos e dois pretos, e um disco será colado nas costas de cada um dos três prisioneiros. Eles terão que descobrir qual a cor do disco correspondente ao seu, branco ou preto. O primeiro a sair da cela com a resposta logicamente argumentada, será o vencedor e ganhará a liberdade. Com o início do desafio, o diretor cola um disco branco em cada um dos prisioneiros, sem utilizar nenhum dos pretos que dispunha, e assim é iniciado o desafio entre eles. Como poderiam adivinhar qual cor lhe foi destinada? A solução perfeita, aponta Lacan (1998b), se dá do seguinte modo:

Depois de se haverem considerado entre si *por um certo tempo*, os três sujeitos dão juntos *alguns* passos, que os levam simultaneamente a cruzar a porta. Em separado, cada um fornece então uma resposta semelhante, que se exprime assim:

“Sou branco, e eis como sei disso. Dado que meus companheiros eram brancos, achei que, se eu fosse preto, cada um deles poderia ter inferido o seguinte: ‘Se eu também fosse preto, o outro, devendo reconhecer imediatamente que

era branco, teria saído na mesma hora, logo, não sou preto.' E os dois teriam saído juntos, convencidos de ser brancos. Se não estavam fazendo nada, é que eu era branco como eles. Ao que sai porta afora, para dar a conhecer a minha conclusão." (LACAN, 1998b, p. 198, itálicos do autor).

Discutindo a lógica do problema e da solução apresentada, Lacan (1998b) constrói os desdobramentos teóricos oriundos do sofisma, a partir da avaliação da conclusão feita pelos participantes da problemática imposta. Aponta que a resposta é formulada por um dos prisioneiros não pelo que fazem os seus companheiros, mas, pelo que não fazem; de outro modo, o tempo de parada dos demais, a suspensão das moções dos companheiros, aponta para aquilo que os sujeitos descobriram a partir do que eles não veem. A parada dos outros dois em relação a si, aponta na direção de que não se tem o disco preto colado às costas; portanto, o seu próprio disco é da cor branca. O autor explica que a modulação do tempo se faz em três momentos distintos, sendo eles: o instante do olhar, o tempo para compreender e o momento de concluir.

O *instante do olhar* é o momento em que o tempo é igual a zero, não há formulação de hipóteses, raciocínio ou subjetivação, apenas a constatação daquilo que se capta no instante do olhar. O *tempo de compreender* é o momento de formular uma hipótese, refletir na posição do outro diante de si. O sujeito pode raciocinar: se eu fosse preto, os outros dois logo poderiam deduzir que são brancos. O *momento de concluir*, é onde se encontra a função da pressa na formulação lógica, já que é necessário que se conclua com certa urgência antes que os outros concluam antes de si. O momento de concluir é o desdobramento do tempo de compreender e vem como uma *certeza antecipada*, mas que só pode ser verificada por si mesma. Assim, Lacan (1998b) evidencia uma pressa para se chegar à verdade.

Em "Função e campo da fala e da linguagem", Lacan (1998a) retoma o conceito de tempo lógico, de modo a apresentar a dinâmica temporal que leva ao advento da certeza antecipada do sujeito. O juízo resolutivo do sofisma é a antecipação apressada que o sujeito faz sobre si, e somente ele próprio poderia fazê-lo, na pressa do tempo que se impõe para o ato da compreensão de si. Nos diz Lacan (1998a):

O autor destas linhas tentou demonstrar, na lógica de um sofisma, as molas de tempo pelas quais a ação humana, na medida em que se ordena pela ação do outro, encontra na escansão de suas hesitações o advento de sua certeza e, na decisão que a conclui, dá à ação do outro, que desde então ela passa a incluir com a sua sanção quanto ao passado, seu sentido por vir.

Ali se demonstra que é a certeza antecipada pelo sujeito no *tempo de compreender* que, pela pressa que precipita o *momento de concluir*, determina no outro a decisão que faz do próprio movimento do sujeito erro ou verdade. (LACAN, 1998a, p. 288, itálicos do autor).

Nesse adiamento da conclusão, na política da pressa antecipatória, se conclui

sobre si um ato que, levado à prática analítica, se modula um tempo de análise, o tempo lógico, que não se submete à burocracia de alguma instituição, mas à própria pulsação inconsciente que se reproduz na fala do sujeito. Pois, quando este fala, o sujeito, na prática da psicanálise, não se trata da exposição da realidade, mas com a verdade, pois, aponta Lacan (1998a): “o efeito de uma fala plena é reordenar as contingências passadas dando-lhes o sentido das necessidades por vir, tais como as constitui a escassa liberdade pela qual o sujeito as faz presentes” (p. 257).

As sessões de psicanálise, assim, não se determinam pela lógica cronológica do relógio, mas por uma lógica própria, em que há um dobramento do passado e do futuro. Desse modo, ocorre na sessão uma precipitação do presente no passado, resgatando ali uma verdade que é atualizada e experienciada na transferência. O analisando fala, como já abordamos, em duas vozes, trançado a um discurso que pode ser compreendido por um outro, há um discurso “em sua língua arcaica” (LACAN, 1998a, p. 256).

Herrmann (2003) também ressalta a importância de uma lógica temporal na prática analítica. Para o autor, a interpretação em psicanálise passa por questões de estilo, reconhecendo a importância da ficionalização da narrativa analítica como uma relação próxima entre a verdade, que se busca atingir, e o discurso da realidade. Nesta concepção, a ruptura de campo, técnica analítica proposta pelo autor, atua como um deslocamento do sujeito na própria história narrada, fazendo com que os múltiplos sentidos da narrativa se entrecortem, abrindo outras possibilidades para o desfecho ora previsto daquilo que se narraria. Como afirma o autor, “o tempo da cura analítica é o futuro do pretérito ou condicional, tempo em que o presente se abre em possibilidades de significação dos diversos sentidos do passado” (HERRMANN, 2003, p. 204). O tempo da cura é aquele que permite uma reelaboração no hoje, daquilo que foi ontem, para a prospecção de um amanhã.

Podemos nos apoiar no movimento de vozes narrativas presentes no conto, como um modo para compreender o estilo e a narrativa de uma análise psicanalítica. Para Piglia (2004), no conto estão sempre presentes duas histórias contadas em paralelo, uma em primeiro plano e um outro relato que será revelado somente mais adiante na trama; porém, presente desde o princípio. A arte do contista é conseguir cifrar na primeira história a narrativa oculta da segunda, de um modo fragmentário e esquivo. O autor comenta que as duas histórias são contadas de modo distintos, são dois sistemas de causalidade diferentes. Os arcos narrativos avançam em suas lógicas narrativas antagônicas. Os elementos do conto apresentam uma dupla função e são empregados de modos distintos em cada uma das histórias. Piglia (2004) pontua que os pontos de interseção das tramas são o fundamento para a construção do conto. Em uma análise, a arte é fazer o sujeito



reconhecer na narrativa contada o outro arco de narração que está elipsado pelos fatos descritos da primeira história. As histórias se encontram em uma intersecção de sentidos, deslocam a direção da primeira narrativa quando a outra emerge, expondo o outro sentido que sempre esteve à vista, mas não era percebido.

Para encerrarmos esta sessão, trazemos a afirmação de Arrigucci (1998), quando diz que a psicanálise é “totalmente literária, por todos os lados” (p. 43). Ela se faz pelo literário do sujeito compreendido como uma narrativa que é vivida e compreendida pela lógica temporal, ou atemporalidade lógica, poderíamos chamar. A ideia de desenvolvimento linear e cronológico, apesar da premissa da realidade, dá lugar a um tempo que corre por outros leitos que, serpenteando seu curso, pode desembocar em si mesma, como em uma ficção.

Trazendo a perspectiva da dupla narrativa e o tempo de revelação na teoria do conto, pensamos como a dinâmica temporal, de revelação da narrativa, só-depois, quando então passa a compor o sentido do que já foi passado. Assim, temos uma lógica compartilhada entre o tempo em psicanálise e a dinâmica textual literária, podendo eleger a tragédia de Sófocles como estatuto paradigmático para pensar a técnica em psicanálise.

Colocando fim a esta digressão, fazemos um retorno ao *Rei Édipo* (SÓFOCLES, 2015), interpelando a narrativa de Sófocles com a questão do tempo. O herói se adianta na conclusão lógica de ter cometido tanto o incesto como o parricídio e, como Oliveira (2015) destacou, existia ainda uma possibilidade de Édipo não ser parricida, mas assume para si o feito do assassinio. Trouxemos Piglia (2004) e sua descrição do que ocorre no conto para, então, lançarmos em uma ótica parecida com a tragédia. Sófocles, na referida tragédia, faz algo muito semelhante com o que expôs Piglia (2004): duas narrativas se entrelaçam no texto trágico, de modo que quando se revela aquela que estava abaixo da superfície, ela dá um sentido a toda narrativa.

## **RETORNO AO ÉDIPO: A CERTEZA ANTECIPADA E A RESOLUÇÃO DO ENIGMA**

Há uma mudança da pergunta-chave dentro da tragédia *Rei Édipo* (SÓFOCLES, 2015). No início o herói procura responder à pergunta ‘Quem é o assassino de Laio?’, para então, na sequência da tragédia, fazer uma torção para ‘Quem sou?’. A tragédia de Sófocles visa trazer à tona o destino de Édipo na descoberta de sua identidade. O destino do herói se revela por uma lógica temporal própria do enredo trágico: o herói, que foge de seu destino, topa com ele, e, em um outro tempo, o destino é revelado para si.

Em relação ao destino, nos diz Guimarães (1982):

A Noite deu à luz o Destino, a negra Queres, ou Moira, o Sono e o seu cortejo de Sonhos. O Destino, obscuro e sombrio como sua mãe, tece na sombra os decretos que impõe aos homens e aos deuses. Nem Zeus escapa ao seu domínio. Deve se submeter ao Destino, como o mais humilde dos mortais. (p. 123).

Aqui vemos uma aproximação entre o Destino grego e o Inconsciente tal como compreendido pela psicanálise. Todos os sujeitos são levados à imposição de seus desejos. Todos os deuses gregos, heróis e homens, inclusive Zeus, estão fadados às determinações do Destino, assim como todos estão sujeitos aos conteúdos do Inconsciente. Ambos, sem serem percebidos, agem silenciosamente decretando suas leis. Em *Rei Édipo* (SÓFOCLES, 2015) vemos algo semelhante: o herói, que é movido pela investigação sobre a identidade do assassino de Laio, é levado à descoberta de sua própria origem.

O tempo, como viemos ressaltando, é crucial neste percurso. Édipo, rei de Tebas, é levado a caminhos tortuosos que o colocam em encontro consigo; a tragédia é reveladora, desdobra o passado naquilo que se vive hoje. Retomando os principais movimentos na tragédia sofocliana, temos que:

Laio e Jocasta têm um filho, Édipo, e escutam do oráculo que Laio será morto por um filho seu e que Jocasta se casaria com ele.

Édipo é levado por um servo da casa de Tebas para morrer. Porém o servo, incapaz de realizar a ordem, entrega-o a outro servo da casa de Corinto.

Édipo cresce como filho da casa de Corinto, filho de Pólipo e Mérope.

Adulto, Édipo escuta de um bêbado que não é filho legítimo de quem ele julgava serem os seus pais.

Édipo procura o Oráculo de Delfos para indagar sobre a identidade de seus pais. Escuta do oráculo que mataria o próprio pai e desposaria sua mãe. Esquece completamente sua questão inicial e foge de Corinto.

No caminho de fuga, ocorre um desentendimento entre Édipo e uma carruagem. Édipo é açoitado para que saia do caminho. Enfurecido, mata a todos, exceto um homem.

Às portas de Tebas, estava a Esfinge, monstro mitológico que assolava a cidade. Édipo a desafia e vence o enigma esfingico. Como recompensa, desposa a rainha viúva de Tebas.

Novamente Tebas é assolada por uma praga, já sob o reinado de Édipo. O Oráculo aponta que a cidade deve punir o assassino de Laio; desse modo, estaria liberta do agouro.

Édipo se propõe a encontrar o assassino e inicia uma investigação para puni-lo.

Conforme avança em sua investigação sobre quem é o assassino de Laio, aos poucos vai-se dando conta de que esta questão está intimamente ligada com a posição que ocupa na cidade, casado com a viúva de Laio, é rei de Tebas, e também com a questão

de sua origem.

As previsões dos oráculos – aquele que Laio e Jocasta ouviram sobre seu filho, o que Édipo ouviu sobre o que faria com seus pais, e o que Creonte ouvira sobre o assassino de Laio – começam a se alinhar e a apontar um novo rumo nas investigações. Édipo, passa a investigar não mais quem matou Laio, mas qual é a sua origem. Conforme avança no processo, cria-se uma tensão, a sombria hipótese de ter feito o que fez parece se avizinhar cada vez mais do horizonte. Desde o princípio da tragédia, nós, que já conhecemos como ocorre o declínio do herói no texto trágico, somos avisados claramente pelas pistas a formação que veem a frente. O herói, personagem que ignora o próprio destino, precisa de tempo, do seu tempo, para juntar as coisas.

Betty Milan (2021) resgata o conceito de *Nachträglich*, *a posteriori*, para falar da dinâmica ocorrida em uma sessão analítica. Parece-nos que a tragédia *Rei Édipo* (SÓFOCLES, 2015) pode ser lida como um paradigma também para essa questão, não somente para o complexo de Édipo, fonte onde Freud fora buscar o modelo mítico para sustentar sua teorização. De acordo com Milan (2021):

O *Nachträglich* também estava na base da clínica do Doutor [Lacan]. Cortava a sessão sem explicação alguma, confiando no analisando, na sua possibilidade de descobrir sozinho a razão do corte. Incitava o outro a se analisar. *Vai e volta para me dizer o que você descobriu. Vai e decifra o enigma da tua própria história.* Isso explica a substituição da palavra *paciente* por *analisando*. A posição do paciente é a de quem espera. Já a do analisando é a de quem está fazendo análise, como o gerúndio indica. (p. 10, itálicos da autora).

Édipo, em sua jornada para se tornar rei de Tebas, é reconhecido por todos por seus feitos de decifrador de enigmas. Em determinado momento, Tirésias utiliza-se da fama do herói para dar pistas de seu destino. O adivinho sabe que Édipo, com sua capacidade de resolver enigmas, e agora empenhado na busca que o levará ao saber de sua própria origem, acabará por encontrar a própria perdição naquilo que lhe fez grande:

Édipo: como é por demais enigmático e obscuro o que dizes!

Tirésias: ora, não és por natureza o melhor em resolver essas coisas?

Édipo: Vai, insulta-me naquilo em que descobrirás minha grandeza!

Tirésias: Contudo, justamente esse sucesso te perdeu.

(SÓFOCLES, 2015, p. 81).

A habilidade edípica de resolver enigmas é o que causa tanto a condição em que Édipo está, isto é, foi a sua vitória sobre a Esfinge que lhe concedeu o trono e a mão de Jocasta, ao mesmo tempo que será sua perdição, pois, é por meio da habilidade de decifrador que confrontará sua verdadeira identidade. A narrativa trágica de *Rei Édipo*

(SÓFOCLES, 2015) coloca o herói em um tempo de funcionamento muito próprio do que se encontra na clínica de psicanálise. Como Milan (2021) expôs com a dinâmica em uma análise, Édipo é levado para o vórtice de analisar a si, de decifrar a própria história. De modo que, a glória e a perdição edípica é a capacidade de decifrar enigmas.

Voltando à hipótese do Édipo enxadrista, o herói adianta a conclusão de ser um parricida, como uma certeza antecipada que se impõe ao sujeito quando há uma pressão temporal que exige uma resolução. Há ali um ato próprio do herói, que carrega a certeza de seu destino. Ele se precipita na decisão de modo a se antecipar em sua verdade. Sobre a dinâmica desta certeza antecipada, diz Lacan (1998b):

O que constitui a singularidade do ato de concluir, na asserção subjetiva demonstrada pelo sofisma, é que ele se antecipa à sua certeza, em razão da tensão temporal de que é subjetivamente carregado, e que, sob a condição dessa mesma antecipação, sua certeza se confirma numa precipitação lógica que determina a descarga dessa tensão. (p. 208–209).

A certeza antecipada é a condensação de tempos outros em um só tempo, no momento do ato da sessão; é a conjunção do ontem e do amanhã, no ato que se precipita. Lacan (1998a) aponta que nesse processo ocorre a “assunção de sua história pelo sujeito, no que ela é constituída pela fala endereçada ao outro, que serve de fundamento ao novo método a que Freud deu o nome de psicanálise” (p. 258). Pois, a psicanálise funciona a partir da compreensão da lógica temporal que ela impõe, “a psicanálise, como temos visto, opera num estranho registro temporal” (HERRMANN, 2003, p. 181).

Quando Édipo, assume-se parricida, mesmo antes da confirmação do servo que ele fora o autor do feito, o herói condensa no ato as duas narrativas que se mantinham até então cindidas. O enigma anacrônico se funde em uma história, a sua história, assumida pelo sujeito, antecipada em uma certeza na construção da verdade. Poderíamos pensar na ficcionalização da verdade, que é, em última instância, a capacidade de suportar a incerteza da verdade; de outra maneira, a verdade se adianta enquanto uma ficção de verdade, que se assume como tal na resolução do enigma que se vê defronte.

Garcia-Roza (1990) coloca que “o psicanalista é aquele que sabe que o relato do paciente é um enigma a ser decifrado, e sabe também que através desse enigma uma verdade se insinua. No enigma, verdade e engano são complementares e não excludentes” (p. 8). Por essa perspectiva, podemos tomar a tragédia *Rei Édipo* (SÓFOCLES, 2015) como um paradigma da insinuação da verdade por meio do enigma, que, conforme demonstrado aqui, se mostra por uma anacronia lógica. Édipo é, sem saber que é; investiga a si, sem saber de sua culpa; encontra ao final a resposta sobre quem é. Esse esquema anacrônico sobre a consciência de sua origem e sobre a sua presunção de culpa, apontam como é estruturado o herói na peça trágica.

O inconsciente não se oferece à escuta do psicanalista, mas dissimula nas mais diferentes produções. Diz Garcia-Roza (1990) que “O enigma da psicanálise – ou um dos enigmas da psicanálise – reside nesse fato desconcertante: o de que somos dois sujeitos, um dos quais nos é inteiramente desconhecido” (p. 9). É isto que também vemos na tragédia *Rei Édipo* (SÓFOCLES, 2015) com a mudança na linha investigativa empreendida por Édipo, quando inicialmente procurava responder a questão ‘Quem é o assassino de Laio?’, para depois tornar-se ‘Quem sou?’, a apresentação de dois sujeitos em Édipo. O ato trágico em si é a concepção pelo herói da identidade de unicidade de si, quando estes se encontram; aí está a assunção da história do sujeito por si.

## REFERÊNCIAS

- ARISTÓTELES. *Poética*. Tradução: Ana Maria Valente. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2007.
- ARRIGUCCI, D. Teoria da narrativa: posições do narrador. *Jornal de Psicanálise*, São Paulo, v. 31, n. 57, p. 9-43, 1998.
- FREUD, S. O inconsciente. In: FREUD S. *Obras completas*. Tradução: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010a. Vol. 12, p. 99-150.
- FREUD, S. Recordar, repetir e elaborar. In: FREUD, S. *Obras completas*. Tradução: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010b. Vol. 10, p. 193-209.
- FREUD, S.; BREUER, J. Estudos sobre a Histeria. In: FREUD, S. *Obras completas*. Tradução: Laura Barreto. São Paulo: Companhia das Letras, 2016. Vol. 2.
- GARCIA-ROZA, L. A. *Palavra e verdade: na filosofia antiga e na psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990.
- GUIMARÃES, R. *Dicionário da mitologia grega*. São Paulo: Cultrix, 1982.
- HANNS, L. A. *Dicionário comentado do alemão de Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- HERRMANN, F. *Clínica psicanalítica: a arte da interpretação*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003.
- LACAN, J. Função e campo da fala e da linguagem. In: LACAN, J. *Escritos*. Tradução: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998a. p. 238-324.
- LACAN, J. O tempo lógico e a asserção de certeza antecipada. In: LACAN, J. *Escritos*. Tradução: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1998b. p. 197-213.
- MAGNO, M. D. Economia pulsional – trabalho, apropriação e alienação. *Lumina*, Juiz de Fora, v. 6, n. 1/2, p. 73-91. 2003.
- MILAN, B. *Lacan ainda: testemunho de uma análise*. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.

OLIVEIRA, F. R. Édipo enxadrista. In: SÓFOCLES. *Rei Édipo*. São Paulo: Odysseus, 2015. p. 11-22.

PIGLIA, R. *Formas breves*. Tradução: José Marcos Mariani de Macedo. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

SÓFOCLES. *Rei Édipo*. Tradução: Flávio Ribeiro Oliveira. São Paulo: Odysseus, 2015.

**A**

- Ab-reação 194, 195
- Adoecimento psíquico 12, 18
- Afetos 31, 63, 180, 183, 184, 188, 197
- Afrodite 70, 71, 75, 81, 83
- Ágave 174, 176, 181
- Ágon 111
- Agressividade 12, 16, 17, 18, 24, 60, 96, 115, 177, 196, 199
- Alegria trágica 25, 26
- Alteridade 38, 42, 44, 45, 50, 52, 59, 156, 159, 166, 168, 169
- Alucinose 3
- Amazonas 71
- Amor materno 65, 147, 148, 153, 187
- Anacronia 125, 126, 132, 140
- Antiemoção 3, 7
- Antígona 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 120, 121, 122, 124
- Aparelho de pensar 3
- Aparelho mental 13, 14, 16, 22
- Aparelho psíquico 13, 14, 16, 22, 60, 61, 134, 180
- Apolo 54, 77, 181
- Área transicional 31
- Areté 66, 69, 76, 81, 193, 197
- Argo 66, 67, 69, 72, 80, 81
- Argonautas 66, 69, 70, 71, 72, 73, 83
- Ártemis 72, 73
- Aspectos trágicos da condição humana 11
- Atemporalidade do inconsciente 132
- Atemporalidade dos mitos 173
- Ato filicida 144, 153, 198, 199
- Ato infanticida 148
- Ato trágico 141
- Automatismos psíquicos 4
- Autônoe 174

**B**

Bacantes 172, 174, 176, 181, 182, 185, 186

Baco 54, 174

Busca pelas origens 114, 115, 117, 118, 120

Busca pela verdade 2

Busca por sentido 90, 119

**C**

Cadmo 66, 71, 181

Caos 59, 60, 106, 169

Capacidade de empatia 36

Capacidade de pensar 2, 5

Caráter mítico 117, 120

Caráter trágico 102

Caráter transgressor 96

Cartas-testamento 116

Casos-limite 172, 184

Castração 39, 44, 46, 56, 82, 101, 150, 161, 165

Catarse 188, 194, 195, 203, 204

Cefiso 48, 50, 61

Ciclo odioso 116

Cinema 46, 88, 89, 90, 91, 104, 106

Cipris 75

Circe 67, 72

Civilização 18, 28, 29, 30, 45, 109, 122, 196, 203, 205, 207

Clínica psicanalítica 3, 6, 10, 19, 23, 24, 26, 27, 28, 29, 141, 166, 170, 172, 179, 181, 183

Clitemnestra 69

Clivagem 144, 162, 180

Cólquida 66, 67, 69, 71, 75, 80

Comoção 187, 193, 196, 198, 201

Complexo de Édipo 11, 15, 23, 32, 86, 132, 139, 150, 151, 152, 153, 161

Compulsão à repetição 17, 52, 62, 163

Condição humana 1, 11, 13, 17, 40, 90, 91, 103

Condição trágica 23, 26, 28



- Condição transgressiva 87, 104
- Conflito 11, 13, 17, 24, 26, 34, 87, 111, 117, 173, 174, 178, 181, 189, 198, 206
- Conflito pulsional 13, 17
- Conhecimento das verdades penosas 1
- Conjugalidade 39, 42
- Consciência 6, 11, 14, 21, 23, 25, 87, 88, 92, 93, 97, 102, 103, 133, 140, 160, 162, 166, 173, 175, 199, 200
- Consciência trágica 173
- Consciente 21, 33, 35, 50, 63, 74, 132, 169, 173, 174, 175, 182, 184, 194, 196
- Constituição do aparelho psíquico 22, 134
- Constituição Psíquica 34
- Construção de sentidos 91, 109
- Corinto 66, 73, 128, 129, 130, 138, 146, 147, 189, 191
- Creonte 66, 73, 82, 110, 111, 112, 114, 127, 128, 129, 130, 139, 146, 189, 190
- Creúsa 66, 73, 79, 81
- Criatividade 86, 87, 158
- Culto dionisiaco 174
- Cultura 1, 12, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 25, 26, 36, 82, 85, 89, 106, 108, 109, 113, 114, 147, 150, 151, 161, 181, 203, 206
- Cultura antimente 1
- Cultura contemporânea 89
- Cultura grega 85
- D**
- Delfos 127, 128, 129, 130, 138
- Demefonte 41
- Deméter 31, 32, 40, 41, 42, 43, 45, 46
- Dependência absoluta 31, 33
- Dependência relativa 31, 33
- Desamparo 11, 13, 14, 15, 19, 24, 42, 43, 67, 98, 120, 166
- Descarga pulsional 194
- Desejo 3, 4, 7, 11, 14, 15, 25, 38, 41, 42, 43, 44, 45, 48, 49, 50, 51, 52, 55, 58, 59, 60, 61, 76, 86, 87, 96, 97, 101, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 117, 120, 123, 144, 146, 148, 150, 151, 152, 153, 154, 157, 168, 169, 176, 188, 190, 195, 196, 197, 199, 200, 201
- Desejo transgressivo 96, 97

- Desenvolvimento emocional 31, 33, 37, 44, 46, 51, 98
- Desenvolvimento infantil 31, 33, 49, 104
- Desmedida 87, 102, 103, 180, 184, 185, 193, 197
- Destino 5, 15, 49, 62, 66, 79, 81, 85, 86, 87, 88, 91, 93, 94, 95, 98, 100, 101, 102, 103, 104, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 121, 129, 137, 138, 139, 140, 149, 157, 173
- Devir heroico 65, 69, 81, 83
- Diferenciação subjetiva 32, 44
- Dinâmica civilizatória 120
- Dinâmica das pulsões 177
- Dioniso 24, 25, 87, 172, 174, 175, 177, 180, 181, 186
- Dióscuros 69
- Discurso trágico 12
- Disjunção entre a mulher e a mãe 143, 148
- Dor mental 1, 2, 4, 7
- Dor psíquica 22, 26, 27, 28
- Dualismo pulsional 16, 17, 24
- Dupla mãe-bebê 32, 36, 37, 44
- E**
- Eco 48, 49, 52, 59
- Édipo 11, 14, 15, 23, 32, 66, 82, 86, 103, 107, 110, 111, 114, 120, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 137, 138, 139, 140, 141, 142, 144, 150, 151, 152, 153, 161, 181
- Elementos inconscientes 103
- Elementos psicanalíticos 86, 104
- Elêusis 41
- Engrenagem suicida 1, 2, 3, 5, 7
- Enigma anacrônico 140
- Enigma da psicanálise 141
- Enigma edípico 125, 126
- Entusiasmo 48, 174, 180, 181
- Erínias 81
- Eros 7, 16, 17, 24, 25, 27, 30, 48, 49, 52, 59, 60, 61, 62, 71, 86, 177, 178, 179, 181, 184
- Erro trágico 87, 102, 103

Escuta psicanalítica 156, 158  
Esfinge 82, 138, 139  
Espelho psíquico 56  
Ésquilo 5, 8, 25, 143, 173, 188  
Estado mental 4, 100  
Estados-limites 180  
Estágio do espelho 51, 53, 54, 55, 56, 63  
Estruturação do sujeito 109  
Etéocles 110  
Ética da clínica psicanalítica 23  
Ética da psicanálise 109, 110, 111, 112, 114, 121, 123, 124  
Ética trágica 10, 12, 13, 22, 27, 28, 186  
Ética trágica da psicanálise 13, 22, 186  
Eurípedes 25, 145, 152, 186, 188, 203  
Excesso 31, 69, 87, 96, 117, 145, 158, 178, 193, 203  
Experiência cinematográfica 91  
Experiência de contato emocional 3  
Experiência emocional 3, 5  
Expressões míticas contemporâneas 89  
Êxtase 24, 174, 175, 180, 181  
Êxtase báquico 175

**F**

Falhas do ambiente 33  
Fedra 75  
Feminilidade 8, 37, 42, 44, 46, 47, 123, 151, 152  
Fenômenos transicionais 33  
Figura materna 97, 98, 101  
Filicídio 144, 147, 187, 193, 194, 195, 196, 197, 198, 199, 201, 203  
Fim trágico 92, 102, 103  
Formação do Eu 50  
Formação reativa 187, 199  
Fórmulas da sexualização 150, 151  
Frenesi báquico 172, 174, 175, 176, 177, 180, 181, 182, 184, 185  
Frenesi dionisíaco 174

Frixo 66, 69  
 Função do analista 156  
 Função do psicanalista 167  
 Função materna 33, 36, 44, 98, 151  
 Função paterna 34, 35, 36, 44, 46, 95  
 Funcionamento psíquico 1, 2, 176, 196  
 Fundamento da clínica 158  
 Fundamentos da psicanálise 12  
 Fundamentos da técnica psicanalítica 11, 23

**G**

Glauce 146, 189  
 Gozo 53, 117, 118, 119, 121, 122, 145, 149, 155, 167, 168

**H**

Hades 40, 42, 43, 45  
 Hécate 67, 73  
 Helena 69  
 Hélio 40, 67  
 Hemon 112  
 Hera 52, 71, 75, 81, 83, 193  
 Hércules 69, 70, 83, 105  
 Hermes 68, 77  
 Herói trágico 87, 88, 91, 92, 95, 96, 102, 103, 104, 173, 175, 193  
 Hesíodo 5, 8, 60, 63  
 Hipólito 75, 84, 153  
 Histórias de captura 38, 46  
 Homem contemporâneo 19, 20  
 Homem psicanalítico 102  
 Homem trágico 103, 173  
 Homero 25  
 Horror 11, 15, 79, 110, 111, 116, 119, 120, 127, 146, 147, 187, 188, 198, 200, 201  
 Humanidade 6, 82, 87, 92, 96, 102, 103, 113, 173, 181, 196  
 Hýbris 67, 69, 73, 77, 87, 106, 175, 176, 180, 181, 184, 186, 193, 204

**I**

- Identidade 31, 32, 38, 44, 45, 54, 82, 127, 130, 137, 138, 139, 141, 169
- Identificação projetiva 5, 99, 100, 101, 106
- Imagem especular 49, 53, 55, 59
- Imagem inconsciente do corpo 55, 56, 57, 63
- Imobilidade mental 3, 4
- Inconsciente 11, 14, 15, 21, 29, 35, 49, 50, 55, 56, 57, 60, 63, 86, 90, 97, 108, 109, 114, 120, 121, 122, 123, 125, 132, 133, 134, 136, 138, 141, 150, 156, 158, 163, 164, 166, 168, 169, 174, 175, 176, 183, 184, 188, 194, 196, 198, 201, 203
- Independência 32, 33, 45, 115
- Indivíduo 11, 12, 13, 14, 18, 20, 21, 22, 26, 27, 31, 54, 56, 61, 69, 97, 98, 101, 174, 178, 185, 188, 195
- Ino 174
- Inominável do gozo 117
- Interpretação 8, 29, 30, 35, 88, 89, 122, 123, 134, 136, 141, 154, 157, 158, 161, 176, 183
- Investimento libidinal 34, 52
- Investimento narcísico materno 34
- Investimento pulsional 38
- Ismene 110, 112

**J**

- Jasão 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 143, 145, 146, 147, 148, 149, 153, 187, 189, 190, 191, 192, 193, 197, 199
- Jocasta 14, 46, 82, 128, 129, 130, 131, 138, 139
- John Connor 85, 86, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 99, 100, 101, 102, 103, 104

**L**

- Labdácidas 114
- Laço social 111
- Laio 14, 125, 127, 128, 129, 130, 131, 137, 138, 139, 141
- Linguagem 22, 46, 53, 57, 62, 63, 90, 106, 109, 112, 121, 126, 135, 141, 165, 168, 170, 188
- Liríope 48, 49, 50, 51, 56, 61
- Loucura privada 172, 178, 179, 180, 181, 182, 183, 184, 185

**M**

- Mãe odiosa 145, 147
- Mãe suficientemente boa 98
- Mal-estar contemporâneo 12, 22
- Mal-estar pós-moderno 13
- Maternagem suficientemente boa 33
- Maternidade 144, 145, 147, 148, 150, 151, 152
- Medeia 143, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 150, 152, 153, 187, 188, 189, 190, 191, 192, 193, 196, 197, 198, 199, 200, 201
- Mênades 174, 177
- Mérope 128, 129, 130, 138
- Metamorfose 49
- Metanira 41
- Metapsicologia 21, 24, 61, 144
- Método psicanalítico 174
- Metonímia do desejo de falo 150
- Mídias contemporâneas 89, 90
- Mito 6, 32, 36, 40, 41, 42, 43, 45, 46, 48, 50, 52, 59, 60, 61, 62, 63, 65, 67, 68, 73, 75, 77, 83, 85, 86, 89, 91, 106, 108, 109, 110, 114, 117, 120, 121, 122, 123, 124, 153, 169, 186, 188, 189, 203, 204
- Mito das origens 108, 109, 110, 114, 121, 122
- Mitologia contemporânea 90
- Mitologia grega 9, 11, 83, 86, 104, 106, 108, 132, 141, 172, 185, 202, 203, 204, 206
- Moções pulsionais 184, 196, 200
- Morte 1, 5, 6, 11, 14, 15, 16, 17, 23, 24, 27, 45, 49, 52, 58, 59, 60, 62, 66, 67, 81, 82, 96, 97, 100, 105, 108, 109, 110, 112, 113, 114, 116, 117, 120, 121, 122, 124, 127, 128, 130, 143, 145, 146, 157, 161, 162, 164, 169, 172, 174, 177, 178, 180, 192, 193, 194
- Mudança 2, 5, 8, 9, 16, 25, 137, 141, 146, 162

**N**

- Narcisismo 32, 38, 39, 42, 43, 44, 45, 49, 50, 56, 61, 62, 86, 162, 170
- Narciso 40, 41, 42, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63
- Narrativas mitológicas 89, 105
- Nêmesis 48, 52

Norma fálica 148, 153

## O

Objeto 3, 14, 38, 44, 49, 50, 51, 55, 60, 62, 63, 65, 89, 99, 100, 101, 117, 120, 121, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 150, 151, 152, 153, 154, 160, 161, 162, 163, 167, 177, 178, 179, 187, 196, 197, 199, 201

Objeto causa de desejo 148, 152, 153

Objeto de desejo 117

Objetos a 144, 148, 150, 151, 152

Objetos primários 97

Obturação da castração 150

Ódio 3, 4, 15, 31, 73, 80, 98, 116, 143, 145, 146, 147, 148, 153, 161, 167, 190, 199

Ódio ao pensamento 3

Olimpo 40, 41, 43, 71

Oráculo 48, 49, 50, 66, 127, 128, 129, 130, 131, 138

Ordem do gozo 117

Orfeu 69, 71

Organização narcísica 183

Origens 17, 18, 21, 76, 108, 109, 110, 114, 115, 117, 118, 120, 121, 122

## P

Pai 11, 14, 15, 16, 23, 32, 34, 35, 36, 37, 39, 40, 42, 44, 50, 66, 67, 71, 72, 73, 78, 79, 80, 82, 93, 95, 96, 102, 111, 115, 119, 120, 125, 128, 129, 130, 131, 132, 138, 144, 145, 146, 147, 148, 151, 153, 161, 174, 176, 191, 194, 197

Paixões humanas 188, 189

Pandora 5, 6, 7

Panteão helênico 59

Parto subjetivo 44, 45

Pensamento trágico 17

Penteu 174, 175, 177, 181

Persecutoriedade 99

Perséfone 31, 32, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 73

Personagens femininas 143

Perspectiva trágica 13

Pólibo 128, 129, 130, 138

Polimórfico-perverso 196, 200

- Polínicos 110, 112, 113, 114
- Pólis 85, 196
- Posição depressiva 101
- Posição esquizoparanóide 101
- Posídon 71
- Pós-modernidade 10, 13, 17, 19, 20, 27, 28
- Prática analítica 126, 136
- Prática clínica 133, 151, 156, 169
- Primeiras experiências relacionais 31
- Princípio de realidade 164, 195, 196
- Princípio do nirvana 16
- Princípio do prazer 16, 52, 60, 63, 163, 175, 176, 185
- Processo analítico 44, 45, 168
- Processo civilizatório 187, 198
- Processo de emancipação psíquica 32
- Processos de identificação 120
- Processos de separação e individuação 34
- Procusto 156, 157, 167, 169, 170
- Produção de sentido 119
- Projeção 50, 51, 53, 56, 99, 100
- Prometeu 5, 6, 7, 8
- Psicanálise 1, 2, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 20, 21, 22, 23, 24, 26, 27, 28, 29, 45, 46, 47, 61, 62, 63, 65, 68, 83, 84, 86, 88, 89, 91, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 114, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 132, 133, 134, 136, 137, 138, 140, 141, 144, 149, 153, 154, 155, 156, 157, 158, 161, 166, 168, 169, 170, 171, 172, 174, 183, 185, 186, 188, 202, 203, 204, 205, 206, 207
- Psiquismo 2, 5, 7, 9, 20, 22, 27, 34, 35, 36, 37, 38, 52, 56, 62, 91, 97, 106, 161, 164, 178, 179, 184, 186, 195, 196, 199, 200, 201, 203
- Pulsão 6, 15, 16, 17, 20, 21, 23, 27, 49, 52, 59, 60, 62, 108, 122, 169, 172, 177, 178, 198, 199, 200
- Pulsão de morte 17, 27, 52, 59, 60, 62, 169, 172, 177, 178
- Pulsão de vida 23, 27, 49, 52, 59, 60, 177
- Purgação 193, 194

## R

- Realidade humana 2, 4



Recalcamento 86, 144, 195, 196, 198, 199, 200, 201

Recalque 165, 187, 198, 199

Recursos egóicos 31

Registro do desejo 109

Registro do gozo 117

Registro do mito 108

Registro próprio ao sujeito 114

Relação mãe e filha 32, 46

Relação mãe-filho 150

Representante do terceiro 32, 44

Repúdio 4, 187, 199

Revelação 114, 115, 117, 118, 119, 120, 127, 128, 137

Rito fúnebre 108, 109, 110, 113, 115, 121, 122

Rituais orgiásticos 174

Ritualização da morte 109, 114

Ruptura de campo 136

## S

Segredo 72, 115

Sêmele 73, 174

Sentimento inquietante 160, 164

Separação 20, 31, 32, 34, 37, 38, 40, 42, 43, 44, 45, 51, 115, 133, 144

Série simbólica do falo 144

Sexualidade genital 42

Significante 112, 113, 114, 118, 121, 150

Simbiose 32, 36, 37, 40, 41, 42, 44, 46

Simbiose patológica 36, 37, 40, 44, 46

Simbolização da morte 109

Simplégades 71, 75

Singularidade de sujeito 49

Sociedade contemporânea 90

Sociedade pós-moderna 12, 13, 18, 28

Sófocles 11, 14, 15, 25, 103, 107, 108, 109, 111, 113, 114, 121, 124, 125, 126, 127, 128, 131, 132, 137, 138, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 173, 188

Sufrimento 2, 6, 12, 13, 17, 18, 19, 20, 22, 23, 27, 28, 32, 42, 43, 45, 49, 55, 97, 112, 117, 119, 145, 146, 167, 189, 190, 197, 198

Sufrimento humano 2

Sufrimento psíquico 12, 13, 18, 22

Subjetivação da morte 110

Subjetividade 13, 19, 36, 51, 55, 57, 59, 61, 62, 63, 89, 96, 166, 168, 188, 206

Sublimação 23, 108, 110, 111, 122

Sujeito do inconsciente 109, 114, 121, 122, 150

Sujeito psicanalítico 103

## T

Tebas 82, 110, 127, 128, 129, 130, 138, 139, 174, 181

Témis 73

Tempo 1, 3, 5, 6, 11, 13, 23, 26, 33, 34, 36, 39, 40, 41, 43, 44, 45, 48, 49, 55, 56, 59, 60, 66, 69, 70, 75, 82, 85, 89, 92, 96, 97, 100, 103, 109, 111, 112, 113, 114, 118, 121, 123, 125, 126, 129, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 140, 141, 147, 148, 150, 151, 154, 157, 159, 160, 162, 163, 168, 172, 176, 181, 184, 188, 189, 190, 194, 198, 200, 201

Tempo lógico 126, 132, 134, 135, 136, 141

Tempo mítico 109

Tendência transgressiva 96

Teoria das pulsões 21, 109, 178

Teoria psicanalítica 11, 17, 23, 86, 95, 108, 122, 124, 132, 143, 155, 164, 182, 188, 206

Tese falo-filho 150

Testamento 115, 116, 117, 165

Thanatos 7, 25, 27

Timé 66, 69, 76, 81, 193, 197

Tirésias 48, 49, 50, 69, 127, 128, 131, 139, 175, 181

Tragédia da vida 23, 24

Tragédia grega 11, 13, 14, 17, 86, 91, 94, 103, 111, 123, 144, 172, 174, 178, 188, 194, 196, 197, 203

Transferência 17, 133, 136, 156, 167, 168, 170, 182, 183, 184

Triangulação edípica 39

## U

Ulisses 67, 77

**V**

Velocino de ouro 66, 67, 70, 71, 72, 83

Vida mental 4, 5, 134, 163

Vínculo 31, 36, 46, 158

Vínculo mãe-criança 36


Vingança 5, 43, 67, 70, 75, 82, 143, 146, 147, 148, 153, 187, 190, 191, 192, 193, 197, 199, 201


Vinho 54, 174, 180, 181, 182


Violência psíquica 3


**Z**

Zeus 5, 40, 41, 42, 43, 66, 69, 71, 73, 83, 110, 138, 174

 [www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)

 [contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br)

 @atenaeditora

 [www.facebook.com/atenaeditora.com.br](http://www.facebook.com/atenaeditora.com.br)


# DO MITO GREGO À PSICANÁLISE:

RESSONÂNCIAS

  
Ano 2023



 [www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)

 [contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br)

 @atenaeditora

 [www.facebook.com/atenaeditora.com.br](http://www.facebook.com/atenaeditora.com.br)

# DO MITO GREGO À PSICANÁLISE:

RESSONÂNCIAS

  
Ano 2023

